

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ISSN 2177-3688

**“NÃO EXISTE HIERARQUIA DE OPRESSÃO”: EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM
CONTEXTO POLÍTICO INTERSECCIONAL NA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA**

***“THERE IS NO HIERARCHY OF OPPRESSION”: IN SEARCH OF THE CONSTRUCTION OF AN
INTERSECTIONAL EPISTEMIC-POLITICAL CONTEXT IN BRAZILIAN LIBRARY SCIENCE***

Andréia Sousa da Silva - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Rodrigo de Sales - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Igor Soares Amorim - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este estudo em andamento tem como objetivo argumentar sobre a necessidade do fortalecimento de uma Biblioteconomia brasileira com caráter ético e político, sob a perspectiva interseccional de Audre Lorde. Como aspectos metodológicos deste estudo, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, de caráter documental e exploratório, acessando produções de algumas intelectuais negras adeptas aos estudos interseccionais. Apontamos que a busca pelo fortalecimento de novas discussões teóricas na Biblioteconomia brasileira é um exemplo da necessidade do uso da interseccionalidade enquanto ferramenta analítica no combate às hegemonias de certas teorias na formação da pessoa bibliotecária, que contribui/contribuiu para crescentes desigualdades sociais, e a ausência de discussões interseccionais na prática desse profissional.

Palavras-chave: interseccionalidade; biblioteconomia; representatividade política social; Audre lorde.

Abstract: This ongoing study aims to relate the need to strengthen a Brazilian Librarianship with an ethical-political social character, from the intersectional perspective of Audre Lorde. As methodological aspects of this study, we developed a bibliographical and exploratory research, documental and exploratory accessing productions of some intersectional black intellectuals. Finally, we point out that the search for the strengthening of new theoretical discussions in Brazilian Library Science, is an example of the need to use intersectionality as an analytical tool, in combating the hegemonies of certain theories in the formation of the librarian who contributes/contributed to the growing social inequalities, and the absence of intersectional discussions in the practice of this professional.

Keywords: intersectionality; librarianship; social political representativeness; Audre Lorde.

1 INTRODUÇÃO

No artigo **“Não existe hierarquia de opressão”**, publicado no *Interracial Books for Children Bulletin*¹⁴, em 1983, republicado no livro *“Sou Sua Irmã”*, em 2020, Audre Lorde afirmou que sua presença dentro dos marcadores sociais de raça, classe e gênero a fez aprender o quanto a intolerância e a opressão se manifestam de diversas formas, e que para

se alcançar liberdade e igualdade não se deve permitir existirem hierarquias de opressão, pois há uma efetiva relacionalidade interseccional entre os marcadores sociais de: **gênero, classe e raça**.

Foi por meio da literatura científica, da poesia e de seus discursos públicos que Audre trouxe à tona a presença de diversas diferenças nos contextos sociais, para que os “diferentes” pudessem se organizar para criarem estratégias de ações que promovessem o combate às discriminações (racismo estrutural, homofobia, classismo, etarismo etc.), buscando, também, defender o autoconhecimento como meio de preceder o entendimento e construir novos instrumentos destinados à ação, à transformação e à emancipação social do indivíduo.

Não é descabido afirmar que o campo biblioteconômico historicamente se fortaleceu pela consolidação de processos e instrumentos voltados para o controle documental/informacional. A busca por meios eficientes de se organizar, conservar e disseminar informações fez a Biblioteconomia adotar um comportamento afeito às sistematizações e a assumir uma postura um tanto quanto conservadora. Por consequência, e em nome de uma ‘técnica’ muitas vezes esvaziada de discussões políticas, o campo acaba por formar pessoas bibliotecárias igualmente conservadoras e aderentes acríticas do eficientismo técnico e/ou tecnológico. Quando o eficientismo vem acompanhado pelo esvaziamento político que há por trás da falsa neutralidade das técnicas, ou mesmo dos termos técnicos, a postura política da pessoa bibliotecária fica praticamente nula e, por consequência, o fortalecimento de contextos hegemônicos, racistas, homofóbicos, capacitistas etc., parece seguir seu curso sem grandes resistências.

Cardoso (2015) afirma, também, que a escola, a biblioteca e os meios de comunicação de massa por muito tempo se voltaram apenas para a cultura branca e europeia, marginalizando outras culturas como as indígenas e a negra, e, quando essas são lembradas, muitas vezes são apresentadas de formas distorcidas, ou mesmo inferiorizadas. Sendo assim, como a Biblioteconomia brasileira pode/deve combater o racismo estrutural, o patriarcado e o capitalismo a partir de uma representatividade social e política, em busca da equidade e da justiça social?

Concluindo, o objetivo aqui proposto é argumentar sobre a necessidade do fortalecimento de uma Biblioteconomia brasileira com caráter, ético e político, sob a perspectiva interseccional de Audre Lorde.

2 CAMINHANDO PARA A INTERSECCIONALIDADE: A ENCRUZILHADA DO SABER

Honorato e Honorato (2021), no estudo intitulado “Interseccionalidade e encruzilhada: enxuzilhamentos”, traz uma questão: como os conceitos de interseccionalidade, encruzilhada e enxuzilhada permitem aprofundar a percepção das experiências e realidades que procuram representar? Esse estudo foi escrito a partir das questões suscitadas pelas palestras de Maria Aparecida Moura e Bianca Santana, no encontro **Decolonialidade e Ciência da Informação: veredas dialógicas**.

Nesse estudo, os autores constroem o seu texto desdobrando os três conceitos apresentados, trazendo reflexões a partir dos seguintes pontos: interseccionalidade e representação, representação e encruzilhada e enxuzilhando a representação. Focando no primeiro ponto apresentado, Akotirene (2019, p. 19) diz que:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Collins (2022), na sua mais nova obra, intitulada **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**, apresenta elementos que fornecem um modelo, dito por ela como provisório, para analisar ideias e práticas da interseccionalidade, com o objetivo de abordar algumas ideias de uso pragmático dessa ferramenta analítica, oriundos de seus usos metafóricos, heurísticos e paradigmáticos. São os seguintes:

Quadro 1 – Ideias paradigmáticas da interseccionalidade

CONSTRUTOS CENTRAIS	PREMISSAS ORIENTADORAS
Relacionalidade Poder Desigualdade social Contexto social Complexidade Justiça social	(1) Raça, classe, gênero e sistemas similares de poder são independentes e constroem mutuamente uns aos outros; (2) A intersecção das relações de poder produz desigualdades sociais complexas e interdependentes de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, etnia, capacidade e idade; (3) A localização social de indivíduos e grupos na intersecção das relações de poder determina suas experiências e perspectivas no mundo social; (4) Resolver problemas sociais dentro de um dado contexto regional, nacional ou global requer análises interseccionais.

Fonte: Collins (2022, p.74)

A partir do quadro acima, juntos, os construtos centrais da interseccionalidade e as premissas orientadoras são fundamentais para a investigação crítica da mesma. Como práxis crítica, possibilita a correção de problemas sociais gerados por desigualdades sociais complexas, como os dos marcadores sociais de raça, gênero e classe. Como afirma Collins e Bilge (2021, p.66): “A solução de problemas está no cerne das práxis da interseccionalidade,

os tipos de problemas sociais gerados pelos sistemas interseccionais de poder prestam-se ao conhecimento desenvolvido pela práxis”.

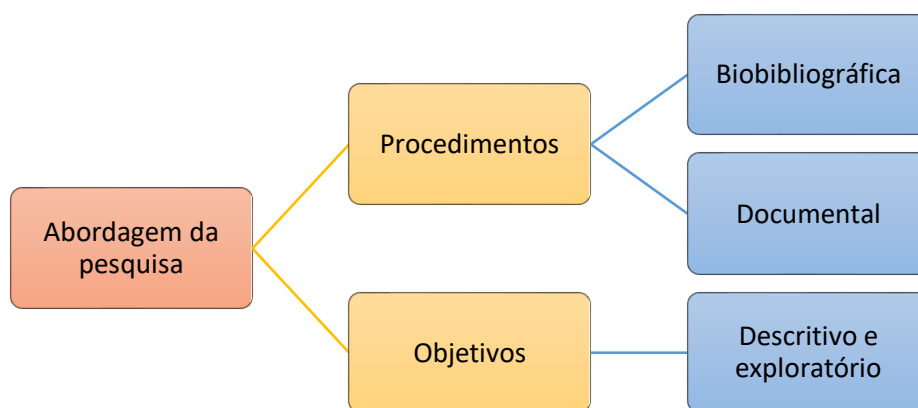
Fechando essa subseção, entende-se que a Biblioteconomia brasileira é um campo que precisa combater as hegemonias de certas teorias na formação da pessoa bibliotecária de modo, observando as encruzilhadas, que vemos a necessidade de se estabelecer uma biblioteconomia interseccional.

2.1 Caminhos metodológicos

Como aspectos metodológicos deste estudo, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, de caráter documental e exploratório. O fundamento metodológico deste estudo se baseia em uma abordagem qualitativa que nos incita “a repensar o estudo das necessidades socioculturais dos meios de vida” (GROULX, 2008, p. 98). Essa abordagem qualitativa tem sido especialmente favorável para analisar exaustivamente os problemas inerentes aos preconceitos, discriminações e racismos, possibilitando o acesso ao conhecimento da realidade por meio da análise do discurso social e das representações simbólicas verbais dos indivíduos dentro dos contextos vivenciados.

Desenhando a metodologia dessa pesquisa, a mesma apresenta-se da seguinte forma:

Figura 1 – Caracterização da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Explicando o procedimento técnico, caracteriza-se como uma pesquisa biobibliográfica e documental, onde as biobibliografias abrangem um campo além da narração da vida do indivíduo, pois as biobibliografias “posicionam sujeitos históricos dentro de uma comunidade ou de um domínio comum entre os sujeitos” (MATA, 2017, p. 11).

A partir dessa metodologia, seguirá a pesquisa.

2.2 Informação e interseccionalidade: a representatividade política e social a partir de Audre Lorde

Justificando a relação entre informação e interseccionalidade, cabe, primeiramente, apresentar quem foi Audre Lorde. Audrey Geraldine Lorde, nascida em 18 de fevereiro de 1934, em Nova Iorque, era apaixonada por poesia e literatura e estudou Biblioteconomia na Universidade de *Hunter College*, entre 1954 e 1959. Em 1961, obteve o título de mestre em Biblioteconomia pela Universidade de Columbia e passou a atuar na Biblioteca Pública de *Mount Vernon*, em Nova Iorque. No ano de 1962, casou-se com Edward Rollins, com quem teve dois filhos. Entre 1966 e 1968, atuou como bibliotecária-chefe em uma escola de Nova Iorque e, em 1969, começou a lecionar, foi editora de poesia no jornal feminista *Chrysalis*, e foi diagnosticada com câncer de mama. Em 1980 fundou, junto com a escritora Barbara Smith, a editora *Kitchen Table: Women Collor Press*, para disseminar a produção de feministas negras dos Estados Unidos e, em 1984, foi convidada para trabalhar como professora na Universidade Livre de Berlim colaborando para a construção do movimento feminista afro-alemão. No fim dos anos 80 se mudou para Saint Croix, uma ilha no Caribe, e lá permaneceu até 1992, ano de seu falecimento.

Audre Lorde direcionou seus trabalhos poéticos e teóricos à discussão das diferenças existentes dentro do grupo de mulheres, como, por exemplo, as questões raciais e de classe. Lorde acreditava na potencialidade das palavras, escritas e faladas, para a promoção da disseminação da informação e do conhecimento e como ‘instrumentos informacionais’.

Afirmava também o seguinte:

A ignorância vai acabar quando começarmos a buscar o conhecimento em nosso interior e a confiar nele, quando ousarmos mergulhar no caos que precede o entendimento e voltarmos com novas ferramentas destinadas à ação e a mudança. Pois dentre desse conhecimento profundo nossas visões são abastecidas, e são elas que estabelecem os fundamentos para nossas ações e para nosso futuro (LORDE, 2020, p. 49).

A partir desse chamado, percebe-se o quanto buscar conhecimento e se apropriar dele nos possibilita construir caminhos/ações que nos instrumentalize para compreender e combater as opressões existentes. É necessário, segundo Lorde (2020), ampliar o olhar para além do que está estabelecido, entender a relacionalidade das opressões para se alcançar efetivamente as mudanças sociais. E é esse olhar, que a Biblioteconomia brasileira precisa apresentar para contribuir para a justiça social.

2.3 Em busca de uma Biblioteconomia interseccional e equânime

A Biblioteconomia brasileira atenta aos aspectos sociais evidencia-se quando se alia ao pensamento crítico-reflexivo, para que as pessoas bibliotecárias percebam seu papel e sua responsabilidade social e atuem como protagonistas de transformações na sociedade. No entanto, por ter se ocupado com a organização da informação sem olhar amplamente para as diversas realidades dos usuários de informação e sem, por conseguinte, fortalecer sua diversidade e promover sua inclusão, a Biblioteconomia brasileira acabou se colocando num patamar de idealização deslocada, onde não havia uma relação entre as suas realidades e as dos sujeitos informacionais, consolidando o que Souza (2001) identifica como perspectiva instrumental da Biblioteconomia brasileira. De acordo com Amorim e Alves (2022, p. 2),

“[...] não é um equívoco esperar que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação consolidem discursos que conservem as estruturas sociais, políticas e econômicas desse mundo desigual. É sabido que tanto a Biblioteconomia como a Ciência da Informação emergem no hemisfério norte do planeta e, como tal, foram adequadas a contextos específicos.

Para representar esse contexto podemos destacar dois valores: a admiração vocacional e a neutralidade profissional, visto que esses valores, ainda na Biblioteconomia, continuam sendo reproduzidos por não serem desafiados pela literatura científica do campo e assim acabam fortalecendo laços historicamente hegemônicos que transformam a biblioteca e a Biblioteconomia como instrumentos de promoção da ideologia da supremacia racial branca. (SILVA; SILVA, 2022)

Para entendermos melhor sobre admiração vocacional, Silva e Silva (2022, p. 50 *apud* CHIU *et al.*, 2021) recorreram a Anastasia Chiu, Fobazi M. Ettarh e Jennifer A. Ferretti, contextualizando assim:

Dentro da biblioteca e na literatura científica do campo se solidificou a ideia de que, ao existirem, as bibliotecas criam naturalmente a democracia, aprendizado e civilização, e o trabalho bibliotecário assumiria essa posição. Dessa forma, a narrativa é de que tudo feito por pessoas bibliotecárias é bom porque as bibliotecas são tidas como lugares sagrados e bons, sem erros. A esse contexto, as autoras denominaram admiração vocacional.

Ainda sobre o caráter conservador da Biblioteconomia brasileira, Tannus (2021, p. 20) alerta que nessa área também existe um movimento progressista, que atua em resposta à “(...)um grande vazio deixado pela própria Biblioteconomia, que parece ter se ocupado mais com técnicas de organização do que com as discussões políticas, sociais, culturais e

econômicas”. Enfatiza também que a neutralidade das bibliotecas, dos profissionais e suas ações precisam ser combatidas, para que o poder de perpetuação da classe dominante seja desvelado (TANNUS, 2021, p. 20).

Aqui chegamos ao ponto desse estudo: se a Biblioteconomia brasileira fortalece o privilégio de uma classe hegemônica branca, como poderá contribuir para a promoção da verdadeira democratização da informação, possibilitando com que todas as informações, pensamentos, conhecimentos produzidos por todos os grupos sociais, sejam protagonistas nos espaços informacionais?

Diante disso, dois contextos devem ser enfatizados para que a questão apresentada tenha algumas respostas: o local de produção do conhecimento e formação, a universidade e a atuação profissional da pessoa bibliotecária num dos espaços tradicionais, a biblioteca. Souza (2001) nos alertou que não havia conhecimento, público, que as universidades apresentavam um ensino preocupado em atender a demanda social e econômica existente, visto que a mesma. Sabe-se que esse espaço onde os privilégios da branquitude se auto mantém, o racismo institucional prevalece e os fenômenos do patriarcado estão presentes, desconsidera-se os diversos conhecimentos produzidos, por teóricos oriundos de outros diversos grupos étnicos e sociais. Justifica-se aqui, o não conhecimento de uma formação interessada nas demandas apresentadas pelos grupos sociais marginalizados.

Em se tratando da atuação profissional da pessoa bibliotecária, constata-se nada mais do que a consequência dessa formação conservadora. Quando trazemos como exemplo a formação de coleções, Almeida Junior (2015, p.133) diz que “o conhecimento preservado pelas bibliotecas, assim, é o conhecimento das elites, o conhecimento dos dominadores, o conhecimento dos excludentes”. Não há, nas coleções, a representatividade de outros grupos sociais e suas produções, sendo os materiais bibliográficos, produtos informacionais mais procurados e acessados que servem como subsídios para produção de novos conhecimentos. Ora, se só se disponibiliza conhecimentos de pensamento eurocêntrico, como conhecer e fortalecer os aspectos e abordagens dos pensamentos e conhecimentos de grupos invisibilizados? Há, nesse fazer bibliotecário, a reprodução da dominação do saber, algo que inviabiliza a possibilidade de acessar informações que representem toda a diversidade epistêmica existente.

Já que, de acordo com Dorlin (2021, p. 80), o conceito de interseccionalidade é metodológico, pois “permite experimentar e diagnosticar as epistemologias da dominação,

bem como as estratégias de resistências que delas decorrem [...]”, propõem-se a construção de uma **Biblioteconomia interseccional** que estabeleça uma formação que combata o epistemicídio e a injustiça epistêmica, e que pautе “[...] à transformação/revolução social, rumo a uma sociedade sem desigualdades e sem preconceitos como o racismo, o machismo, a xenofobia e a homofobia etc.” (TANNUS, 2021, p.21). Que a formação esteja atenta as desigualdades sociais evidentes, para que as pessoas bibliotecárias apresentem uma atuação profissional alinhada aos interesses informacionais, efetivamente, de todas as comunidades que fazem parte dos contextos sociais onde está inserida, fortalecendo a democracia informacional, dentre outras.

Por fim, a Biblioteconomia brasileira deverá apresentar uma formação e atuação voltadas para o fomento de uma educação anticapitalista, antirracista e que atenderá a diversidade de gênero, transformando-se num campo interseccional e equânime. Consciente da existência de aspectos históricos, culturais, sociais e informacionais das populações negras e indígenas, dos contextos vivenciados pelas mulheres e pelas pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+, relacionando esses à sua classe profissional, comprometida com a equidade para a promoção da justiça social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, por que estabelecer o protagonismo e um diálogo com Audre Lorde? Por que trazer essa ativista para o contexto da Biblioteconomia brasileira? Desde 1960, período em que também atuou como bibliotecária, Lorde já chamava atenção para a interseccionalidade existente entre os grupos sociais que ela estava inserida (negro e lésbico), tornando-se assim uma das intelectuais negras pioneiras a tratar dessa ferramenta analítica dentro dos seus espaços de militância.

Audre afirmava que para sujeitos interseccionais, por exemplo, no caso de mulheres negras e lésbicas, a opressão ocorria de forma simultânea e não hierarquizada, ou seja, o racismo, o machismo, e além das questões relacionadas à classe, aconteciam (e acontecem) sempre ao mesmo tempo, porque a identidade dessas mulheres é vivida como um todo e não de forma fragmentada. É interseccional!

A partir disso, entendemos que a interseccionalidade, possibilita a identificação e a correção de problemas sociais gerados por desigualdades sociais complexas, como o racismo e o patriarcado, juntamente com os aspectos classistas existentes e por isso há uma

necessidade de evidenciar como são necessárias a ampliação das discussões e ações a partir de um olhar político, ético e interseccional, para se pensar a Biblioteconomia brasileira interseccional (teoria e prática), alinhada estreitamente às demandas sociais e políticas presentes no contexto social, evidenciando novos saberes e novos conhecimentos, em busca da equidade e da justiça social.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ALMEIDA JUNIOR, O. Conservadorismo e Revolução (ou Reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência Da Informação. **Divers@Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052/27431>. Acesso em: 29 jun. 2023

AMORIM, I. S.; ALVES, U. D. S. Biblioteconomia e ciência da informação: uma perspectiva decolonial. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Minas Gerais, n. esp., 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/198772>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CARDOSO, F. C. **O negro na biblioteca**: mediação da informação para construção da identidade negra. Curitiba: CRV, 2015.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades**: introdução à teoria feminista. São Paulo: Ubu, 2021.

GROULX, L-H. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de: La recherche qualitative. p. 95-124.

HONORATO, C.; HONORATO, S. Interseccionalidade e encruzilhada: exuzilhamentos. **Liinc em revista**, [s.l.], v. 17, 2021.

LORDE, A. **Sou Sua Irmã**: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 224. (Organizado e apresentado por Djamila Ribeiro e traduzido por Stephanie Borges).

MATA, Diogo Xavier da. **A ordem do discurso biobibliográfico**: uma reflexão sobre a construção social entre as fontes de informação biográfico-científicas as apropriações em rede. 2017. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, F. C. G.; SILVA, R. A. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-72, 2022. Disponível em: [10.11606/issn.2178-2075.v13i1p47-72](https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v13i1p47-72) Acesso em: 17 jun. 2023

SOUZA, F. D. C. Formação de bibliotecários para uma sociedade livre. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 11, p. 39-51, 2001. Disponível em: [10.5007/1518-2924.2001v6n11p39](https://doi.org/10.5007/1518-2924.2001v6n11p39) Acesso em: 29 jun. 2023.

TANUS, G. F. S. C. Institucionalização da biblioteconomia progressista e crítica. **Em Questão**, n. online, 2021. Disponível em: [10.19132/1808-524500.%p](https://doi.org/10.19132/1808-524500.%p) Acesso em: 30 jun. 2023.